

ARQUEOLOGIA HOMOERRÁTICA DE A CRUZ NA PRAÇA UM FILME DESAPARECIDO DE GLAUBER ROCHA [1959]

Fabricio F. Fernandes
Mestrando do curso de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: blogfernandesferreira@gmail.com

Orientador: Prof^ª Gabriel Menotti
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: gabriel.menotti@gmail.com

RESUMO

A dissertação se arrisca na produção de uma arqueologia para o curta-metragem *A Cruz na Praça* (1959), de Glauber Rocha, um filme desaparecido na história do cinema brasileiro. Neste estudo, faz-se um exercício arqueológico com três movimentos de pesquisa. Primeiro, uma historiografia homoerótica com relatos da prática de pegação na década de 1950 e no início de 1960, a partir de registros literários e pesquisas etnográficas, além de representações de personagens homoeróticos no cinema brasileiro, em períodos próximos ao da produção do curta estudado. Um segundo passo é dado com a retomada da biografia de Glauber Rocha na primeira fase do movimento Cinema Novo, entre 1955 e 1959, situando as atividades literária, ensaística, jornalística, teatral e cinematográfica de um artista pré-Barravento, seu primeiro longa-metragem. O terceiro e último movimento é o da produção da arqueologia de *A Cruz na Praça*. Nessa fase, realiza-se o levantamento de fragmentos sobre o objeto desta pesquisa a partir de um exercício de compreensão sobre o inacabamento e o desaparecimento do copião de um filme com abordagem sobre a perambulação homoerótica na Bahia de 1959 – tema historicamente transgressor, de confronto com a hegemonia heteronormativa.

Palavras-chave: Prática homoerótica. Arqueologia. Glauber Rocha. *A Cruz na Praça*.

INTRODUÇÃO

Em 1957, Glauber conhece Paulo César Saraceni, o “Sarra”. Eles iniciam uma *Amizade*. Em 1959, ambos concluem seus três curtas-metragens. Glauber realiza *Pátio* [1957/1959] e *A Cruz na Praça* – e Saraceni produz o curta-metragem *Caminhos* [1959]. *A Cruz na Praça*: Glauber registra em preto e branco duas personagens na vivência homoerótica em locações na Cidade Alta, em Salvador: a igreja de São Francisco, a praça do Terreiro de Jesus, a escadaria e igreja do Paço.

O curta-metragem é um dos filmes desaparecidos na história do cinema brasileiro. Ao filmar o encontro homoerótico/homoerótico entre dois rapazes, Glauber questiona a moral conservadora e heteronormativa da época, 1959, virada da primeira para a segunda metade do século 20, pela encenação dessa prática.

Nesse contexto que esta pesquisa se arrisca a realizar uma arqueologia para essa obra que, devido a seu desaparecimento, não nos deixa possibilidade para analisar seu conteúdo. Do filme, restou apenas um único fragmento: uma cena disponível no site responsável pela memória do cineasta, Tempo Glauber¹.



Essa imagem me ativou a realizar o levantamento de fragmentos e rastros que orbitam em torno da existência marginal de *A Cruz na Praça*. Caminho com esse fotograma, inicio a produção arqueológica, considerando essa prática a partir do que afirma Michel Foucault, em uma entrevista de 1983, cujo título é "Arqueologia de uma Paixão":

(...) não se pode dissociar o mundo histórico em que vivemos de todos os elementos discursivos que habitaram esse mundo e ainda o habitam. A linguagem já dita, a linguagem como já estando lá, determina de uma certa maneira o que se pode dizer depois, independentemente, ou dentro do quadro linguístico geral. É precisamente isso que me interessa (FOUCAULT, 2007, pp. 403-404).

Desde o começo desta pesquisa, sabia impossibilidade de reconstituir na íntegra os procedimentos escolhidos e colocados em prática por Glauber Rocha na realização desse seu segundo curta-metragem. Foi a partir do único vestígio de *A Cruz na Praça* que busquei os fragmentos que puderam se comunicar com essa produção cinematográfica.

¹<http://tempoglauber.com.br>.

Dei início a uma pesquisa arqueológica percebendo o objeto estudado como algo já dito, realizado. Isto é, um filme como uma existência marginal que afirma a todo tempo sua vontade de existir, desde quando foi realizado em 1959.

A *Cruz na Praça* é um filme que está só na cinematografia de Glauber Rocha, em condição de *abandono*. A partir de um planejamento de pesquisa, busquei textos sobre a biografia do cineasta; sobre a prática homoerótica e a religião na obra desse cineasta; procurei ensaios, citações, notas e artigos sobre o filme. Uma pergunta me perseguiu: que elementos me motivaram a realizar essa investigação às escuras?

Passei então a realizar esta pesquisa arqueológica para o filme *A Cruz na Praça* a partir de três movimentos.

1º MOVIMENTO

O primeiro movimento sugerido pelo pesquisador José Gatti, durante a qualificação, foi o de produzir uma historiografia homoerótica para o ano de 1959, o que acabou revelando proibições, liberdades, desejos e transgressões em relação a uma perambulação homoerótica no ano de 1959 – contexto da realização do curta-metragem glauberiano. Foi nesse movimento de pesquisa que consegui criar diferentes ordenações no modo de produzir essa arqueologia, dando novas significações em torno do curta – isto é, positivando os relatos sobre a prática histórica da perambulação homoerótica na virada da primeira para a segunda metade do século 20.

O trabalho de afirmação em torno dessas vivências clandestinas, encontradas em relatos de diversos autores, só foi possível a partir de uma breve historiografia homoerótica produzida no primeiro capítulo. Para realizar esse primeiro movimento, busquei narrativas literárias e estudos etnográficos sobre a errância homoerótica e sua relação com a cidade, procurando compreender como se dava a circulação em territórios geográficos onde aconteciam os encontros e as práticas que passou a ser nomeada de pegação. Uma deriva pelas cidades de Recife, São Paulo e Rio de Janeiro e, sobretudo, Salvador.

Essas narrativas literárias, a maioria autobiográfica, foram interseccionadas com pesquisas

etnográficas e representações do subtexto homoerótico na cinematografia brasileira das décadas entre 1940 e 1960. Minha intenção era reunir narrativas ficcionais como forma de documentação histórica sobre a perambulação homoerótica na década de 1950 – uma experiência que ultrapassa a interpretação patológica e criminal, predominante desde o início do século 20.

Considerando a produção dessa historiografia homoerótica como uma chave de acesso ao presente escondido no pré-histórico, no arcaico, dou atenção especial a um não vivido, que é a vida do contemporâneo:

É nesse sentido que se pode dizer que a via de acesso ao presente tem, necessariamente, a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver, e restando não vivido, é incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la (AGAMBEN, 2009, p. 70).

Intento trabalhar uma escrita de colagens, justaposta, numa intersecção entre literatura, cinema e outros discursos. Viajo a Salvador, Bahia, para conhecer os territórios onde o curta foi produzido: a escadaria do Paço, a cruz da Igreja do São Francisco, as ruas do Pelourinho, os redutos noturnos onde acontecia a boemia em fins da década de 1950. Circulo à noite pelas ruas do Pelourinho escutando os sons da perambulação e observando esse histórico local de prostituição e boemia. Nessa jornada busco uma experiência voltada às sensações e às texturas que pudesse contribuir na compreensão sobre *A Cruz na Praça*. Passo a me relacionar com o objeto estudado para além de um discurso histórico, mas na apropriação dos rastros sobre um filme desaparecido.

2º MOVIMENTO

Procuro relatos de Glauber, especificamente no período em que produzia seus dois curtas-metragens: entre 1957 e 1959. A proposta foi contextualizar elementos menores da obra desse artista, situados à margem do que se constituiu como seu projeto cinematográfico. Busco compreender experiências de Glauber no contexto pesquisado, como a produção literária, ensaística e jornalística; a vivência teatral na Jogralesca, além da produção do seu primeiro curta-metragem *Pátio*, anterior ao objeto estudado. Período em que Glauber afirmou viver “uma loucura poética” (ROCHA, 2004, p.110).

3º MOVIMENTO

Consiste na produção da arqueologia de *A Cruz na Praça*. Uma das ações mais importantes foi entrevistar o único participante vivo do filme, o ator Luiz Carlos Maciel. Com ele, por meio de sua reserva de memória, das lembranças que havia com Maciel, busco dados sobre o processo de filmagem e montagem de *A Cruz na Praça*. Investigo o que teria levado Glauber a fazer desaparecer uma produção cinematográfica na virada da primeira para a segunda metade do século 20, quando nos deixa “ver” esse filme apenas por uma única imagem, a que está divulgada no site Tempo Glauber. Começo a investigar, num movimento de idas e vindas sobre fragmentos, o que foi visto, o que foi feito e o que filmou Glauber em seu segundo curta.

É nesse terceiro movimento que passo a compreender que a arqueologia fala mais à vontade do que a história oficial das ideias. Ela nos diz de “cortes, falhas, aberturas, formas inteiramente novas de positividade e redistribuições súbitas” (FOUCAULT, 2007, p. 191). Um impulso arqueológico que começa a partir da reunião de forças no sentido de descrever a perambulação homoerótica em 59 e a relação dessa prática com territórios clandestinos da cidade.

RESULTADOS

Escavei narrativas homoeróticas de modo a desenhar um mapa arqueológico para encontrar o seu filme. Tentei visualizar os rastros da errância organizada e filmada em *A Cruz na Praça*. A escolha e direção dos atores. A deriva no processo de filmagem e a montagem performativa. Fracassei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência homoerótica em *A Cruz na Praça* está ligada ao sentimento de culpabilidade quando o prazer é conquistado. Imagens eróticas ao lado do comportamento do interdito. A culpa como uma experiência interior e não uma imposição do sistema católico. A pegação como uma subversão que ocorre ao lado da interdição existente em

torno da produção do prazer.

O curta mostrava as perambulações de dois rapazes, interpretados por Maciel e Anatólio, até a realização de um ato controverso: uma das personagens agarra o membro do outro, desencadeando uma série de imagens reprimidas e culminando com uma cena de castração em torno da cruz. Porém, eles sorriem na escadaria. Em 1959, Pátio e A Cruz na Praça apontam para um outro modernismo? Brasília é inaugurada em 1960. No Cinema Novo, estavam, todos eles, marcados por um hibridismo entre o veio local e outro cosmopolita.

Experimental e formalismo não têm sentido nem horizonte social, não tem sentido revolucionário. Para Glauber, concretismo é coisa de menino rico. Não-engajado. O tema da homossexualidade é deixado de lado. As problemáticas brasileiras são a prioridade.

Em relação ao ato controverso de nos apresentar a perambulação homoerótica pelos territórios urbanos de Salvador, Glauber de fato não chega a apontar o tema como algo impossível de ser realizado em A Cruz na Praça, mas questiona sua concepção estética adotada e classificada por ele como “transtornada”.

Ele faz essa afirmação quase dez anos depois, num entrevista à revista *Positif*, em 1968 – ano em que, no Brasil, a ditadura se reforçava com o AI-5. Jamais explicou o sentido dessa expressão “transtornada”. Tento compreendê-la como um ato político de rebeldia, anticonformista, livre e insolente, como diz Glauber. Ele se refere a sua concepção sobre uma política de autor.

A Cruz na Praça é uma obra que articula político e estético em sua temática e forma, com personagens representando minorias sociais. Foi isso que me conduziu a essa pesquisa arqueológica como possibilidade de compreensão sobre o seu desaparecimento.

Depois de 1959, vem *Barravento* [1961-62] e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* [1963-64] – realizados antes do golpe militar de 1964. Para Ismail Xavier:

Glauber Rocha, como outros artistas daquela década, trazia consigo o imperativo da participação no processo político-social, assumindo inteiramente o caráter ideológico do seu trabalho – ideológico em sentido forte, de pensamento interessado e vinculado à luta de classe. Afirmava então o desejo de

conscientizar o povo, a intenção de revelar os mecanismos de exploração do trabalho inerentes à estrutura do país e a vontade de contribuir para a construção de uma cultura nacional-popular; linhas de força que se manifestava no cinema, na música, no teatro (XAVIER, 2004, p. 15).

Passo a compreender que o desaparecimento ou abandono de *A Cruz na Praça* como uma performance glauberiana. Uma performance que nos abriu um território possível onde perambulamos no desejo de realizar esta pesquisa arqueologia. Uma obra que também fala sobre o frescor do desejo.

Em Salvador, Glauber teria presenciado as bichas no fluxo da pegação. E as investidas dos clérigos e da sociedade para reprimir essas práticas indóceis.

Pátio e A Cruz na Praça são o germe do filme-testamento de Glauber em *A Idade da Terra*.

Perambulo por mapas arqueológicos. A todo tempo guiado pelas luzes que em Glauber são o desejo de filmar histórias “de amor em jardins, praças, becos, puteiros, botecos, boites, mansões, areias, palmeiras, lagoas, macumbas, hotéis pobres e ricos” (ROCHA, 2004, p. 328).

Concluo que *A Cruz na Praça* teria oito minutos de transe homoerótico barroco-baiano-experimental. O filme está há 61 anos desaparecido.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinicius Nicastro. Chapecó, SC: Argos, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

_____. Arqueologia de uma Paixão. In literatura e pintura, música e cinema. Org. Manoel Barros da Motta: tradução, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Da amizade como modo de vida*. Gai Pied, nº 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/portal/imagens/stories/pdf/amizade>. Acesso

em 30 de julho de 2016. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty. J. Daniel e J. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

_____. *O saber gay*. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. Revista Ecpolítica, n. 11, jan-abr, 2005. pp. 2-27.

GERBER, Raquel. *Glauber Rocha e a experiência inacabada do Cinema Novo*. In: BERNADET, Jean Claude; GOMES, Paulo Emílio Salles (Orgs). *Glauber Rocha*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977.

GATTI, José. *Chiaroscuro. Glauber Rocha in Claro*. Universidade de São Carlos, 2005. Concordia University, Montreal, Canadá, 2005.

ROCHA, Glauber. *Revolução do Cinema Novo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. *O sékulo do kynema*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1983

XAVIER, Ismail. *Sertão mar – Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983.